

# Memórias de um escritor no poder

José Casado  
de Brasília

**Golpe no Paraguai.** Convocada reunião de emergência no Palácio do Planalto. Chefes do Itamaraty topam com um presidente da República absolutamente irritado: naquele Carnaval de 1989 a Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, fora mais ágil em transmitir o relato de seu correspondente em Assunção, jornalista Marcelo Rech, do que o serviço diplomático na confirmação do golpe contra Alfredo Stroessner, ditador paraguaio.

O presidente não dissimulou. Foi um raro momento em que extravasou seu aborrecimento com o Itamaraty. Reclamou por não ter sido comunicado em tempo hábil, por não receber relatórios adequados - nem mesmo um simples informe (do tipo "secreto-exclusivo") prevendo golpe de Estado no Paraguai, área estratégica aos interesses do Brasil na bacia do Prata.

Clima denso na sala. O general Alfredo Stroessner, ditador por 35 anos, agora é um problema brasileiro. Sua melhor hipótese de vida no Paraguai está atrás das grades, numa prisão militar. Na emergência, ele sonhava com um confortável exílio no Brasil.

À mesa, diplomatas em silêncio. Apenas ouviam a dura cobrança do presidente. Até que Paulo Tarso Flecha de Lima, então secretário-geral do Itamaraty e hoje embaixador em Washington, arqueou as sobrancelhas abandonando a passividade: "Mas, presidente, como poderíamos saber do golpe? Nem o Stroessner sabia!"

Em breve, a narrativa de episódios assim, da intimidade do centro do poder, estará acessível ao público, nas prateleiras das livrarias e por módica quantia. Isso porque José Ribamar Ferreira de Araújo Costa está tecendo em palavras memórias de José Sarney, ex-presidente da República, senador e escritor, nascido num 24 de abril de 68 anos atrás no Maranhão como "Zé do Sarney" - isto é, José, filho de Sarney e Kiola Ferreira de Araújo Costa.

É fato incomum político brasileiro usando a eternidade das palavras para registrar, de próprio punho, o testemunho da história que ajudou a construir. Mais incomum ainda é quando acontece pelo olhar estético de autor compulsivo - maturado em três dezenas de livros editados em línguas diversas -, experimentado na arte da política e no exercício do poder.

"O primeiro volume está pronto", anuncia. "Vai do nascimento do menino em casa pobre, com 50 metros de chão batido e mãe retirante, lá no interior do Maranhão, até à posse na presidência da República".

O segundo, em andamento, é exclusivo da experiência como presidente. "Não é biografia, monumento à vaidade ou autoelogio", ressalva Sarney. "São memórias, ou melhor fixação de idéias que fixam a vida. Quase um testemunho que exige, antes de tudo, que seja honesto diante de você mesmo".

Ele não queria ser presidente, desejava ser escritor, observam historiadores como Evaldo Cabral de

Sarney inicia o segundo volume de sua autobiografia e descobre que, na verdade, não queria ser presidente, mas escritor



Mello, irmão do poeta pernambucano com igual sobrenome. Um olhar pelo retrovisor da própria história faz José Sarney concluir: "É isso mesmo, ele tem razão".

Prazer e frustração se misturam à cabeça do político e escritor - ou o contrário, como se queira. O deleite começou lá atrás, na época do Colégio Marista e do Liceu Maranhense, em São Luís, quando perseguia o pai perguntando que devia fazer para aprender a "escrever bem".

Paciente, o velho Sarney respondia: "Leia Vieira (padre Antônio, jesuíta, 'imperador da língua portuguesa' na definição do poeta lusitano Fernando Pessoa). Leia também 'O Estadista no Império', de Nabuco (Joaquim, o abolicionista).

- "Está bem. Mas e depois?" - insistia. - "Leia de novo 'O Estadista' e continue lendo o Vieira pelo resto de sua vida" - ouvia.

Três décadas e meia atrás, quando pôs ponto final em "O Norte das Águas", livro de contos já traduzido em meia dúzia de idiomas, julgou-se na maturidade da escrita. Se sentiu autor "com o poder de trazer só os adjetivos convidados, se não for convidado não entra". E com certa dose de autocrítica, "suficiente para rasgar e jogar dois romances inteiros na lata de lixo".

Frustração do escritor é que, para o público, a figura dominante é do político José Sarney, nome usado em eleições desde o final dos anos

50 e legalmente adotado em 1965. "Os amigos não lêem e sempre dizem que gostam, os inimigos nunca lêem e sempre dizem que não gostam", lamenta. "Mas mantenho, creio, insisto, porque meu instrumento é a palavra e só a palavra escrita é que faz a eternidade".

Não raro o político foi impulsionado pelo escritor, relata nas "Memórias" - ainda sem título definitivo - dedicadas à filha Roseana, governadora do Maranhão. "Não foi por acaso que fiz questão de escrever quase todos os meus discursos de presidente, especialmente os dirigidos ao Congresso e às

Nações Unidas". Levanta-se, apanha na prateleira um volume capaduro, folheia e recita, no mesmo tom da despedida do poder em 1989: "Plantei o exercício da paciência política... É só ler para ver logo que são textos literários".

Para Sarney, o melhor e mais visível resultado da imposição de utopias em seu cotidiano na política é a engenharia do Mercosul, sonho na segunda metade dos anos 80, agora realidade econômica que mudou o eixo do poder na América do Sul. "A política tem um pouco de realidade e de ficção", observa, "e uma visão utópica, típica do escritor, do intelectual, dá ao político a arte do poder, ensinando-lhe a não ser tão realista como o exercício do poder exige".

"O Mercosul foi isso" - continua - "foi uma contribuição que dei, pessoalmente, como produto dessa minha fidelidade à utopia, à visão do

mundo permanentemente indignada com a injustiça social, em contraste com o olhar realista, necessário e pelo qual o político torna-se o homem da arte do possível".

O Mercosul aconteceu assim, lembra: "Foi a primeira coisa que me deixaram fazer no governo. Aqui deixaram porque a política externa não era tema interno. E, lá fora, deixaram porque os americanos simplesmente não acreditavam".

"Assumi em março", continua, "e em maio já estava em Buenos Aires nessa missão com o Olavo Setúbal (então chanceler, banqueiro, controlador do conglomerado Itaú). Em agosto já acertava as coisas com o Alfonsín (Raul, então presidente argentino). Foi o começo.

E foi essa utopia típica do escritor que fez mudar tudo na relação do Brasil com a Argentina.

Tinha a vantagem, porque conhecia a história do continente e da América do Sul. Gostei quando, mais tarde, o Perez (Andrés, então presidente da Venezuela) disse que fui o primeiro presidente bolivariano da história do Brasil".

Sarney flutua por seu palácio de memórias: "Mudamos a história. Em silêncio, porque só viram quando já estava feito. O Bush (George, então presidente dos EUA), quando percebeu, mandou o Departamento de Estado nos perguntar o que era aquilo, o que significava aquela união do Brasil com a Argentina, se era alguma coisa contra os Estados Unidos. Até hoje não entenderam direito".

Desde aquele outubro de 44 anos atrás, quando conquistou 3.271 votos no Maranhão como quarto suplente de deputado federal, pelo extinto Partido Social Democrático (PSD), ele persegue "uma causa parlamentar". Na sua cabeça, é a essência, o néctar vital ao político: "Olhe para a história, Joaquim Nabuco ficou com a escravidão, Afonso Arinos com a segregação racial... Escolhi a cultura. Há 20 anos faço projetos e discursos sobre a cultura. No governo, fiz a Lei do incentivo cultural, que introduziu a cultura, como tema, em nossa sociedade industrial..."

José Sarney acaba de descobrir que, realmente, queria ser escritor e não presidente. Até renunciou a uma nova candidatura, apesar da situação aparentemente favorável nas pesquisas eleitorais.

José Ribamar Ferreira de Araújo Costa está escrevendo como aconteceu do "Zé do Sarney" - isto é, José, filho de Sarney e Kiola - preferir se preservar no ritual do Senado, reservando o deleite para encontros noturnos com personagens como Germiniana, moça-velha que suportou os anos como se fosse um raio de fevereiro, invadida por certo pavor de não ter acontecido o que ela julgava que aconteceria. Em o "Dono do Mar" (Ed. Siciliano, 284 páginas), ela senta-de-atrassada na própria angústia, ruminando versos de Zefinha na cantoria de barracão:

"Sete vezes fui casada sete maridos possui acredite minha amada sou virgem como nasci".